

SIMPÓSIO 01 - COLABORATIVO DECOLONIAL – OUTRAS ESTRATÉGIAS PARA UMA EXISTÊNCIA DESEJANTE

Organizadores: Orlando Maneschy (UFPA), Almerinda Silva Lopes (UFES) e Raquel Stolf (UDESC)

Pensar os processos de construção criativa, sejam estes artísticos, curatoriais, de mediação de espaços, de projetos, coleções ou publicações, entendendo que os modos de articulação empreendidos podem ser feitos no fluxo do diálogo, na elaboração de estratégias de agenciamento, que se destinam ao comum é o objetivo deste simpósio. Como observa Régis Debray, em *Vie et mort de l'image* (1992), o valor das imagens, hoje, não está mais no seu poder mágico de evocar uma ideia ou conceito, mas na formulação de uma linguagem do cotidiano ou do ordinário, e de inserção da arte numa proposta de transformação do espaço social. Desafiam-se, assim, artistas e pesquisadores a discorrerem sobre distintos mecanismos ativados em processos coletivos, especialmente na busca de constituição de outros espaços, apropriação e reconstrução de lugares acolhedores, e de brechas de inserção e de circulação de proposições poéticas, que prescindem das instituições oficiais e da lógica do consumo. Impondo-se contra um mundo pautado na indiferença e na instabilidade, os artistas formalizam práticas coletivas e constroem “territórios de liberdade”, para subverter a ordem política dominante e reordenar condutas mais colaborativas e menos subservientes à ótica do capitalismo e do colonialismo. Ativar subversões ou “desvios” nos modos operantes hegemônicos e instaurar um fluxo de ações menos impositivo ou autoritário, instigando os indivíduos a mudarem a própria realidade, mediante novas experiências e possibilidades de conexão, inserção e interação social, com base no respeito às diferenças nos modos de pensar, de ser e estar no mundo, são algumas das problematizações que propõe a arte contemporânea e sobre as quais o simpósio nos convida a refletir.

SIMPÓSIO 02 – PRÁTICAS E CONFRONTAÇÕES: PESQUISAS EM/SOBRE ENSINO DE ARTE

Organizadores: Moema Martins Rebouças (UFES), Sandra Regina Ramalho e Oliveira (UDESC) e Analice Dutra Pillar (UFRGS)

O tema “Práticas e Confrontações” reconhece as especificidades das pesquisas na área, a diversidade de seus objetos empíricos, bem como a respectiva busca por aparatos teórico-metodológicos para lhes dar suporte. Constatando a presença de processos e diálogos interdisciplinares, abre espaço para provocações e discussões não apenas sobre a “pesquisa EM arte” e a “pesquisa SOBRE arte”, como quer a Capes, mas ainda sobre a “pesquisa EM/SOBRE ensino de arte. Consiste em interações entre arte e educação, dois campos tradicionalmente conflituosos, libertário um e dogmático o outro. Eis a primeira confrontação. Trata-se ainda de um metafazer, no sentido de reflexão sobre outro fazer, pois a ação pedagógica se apropria e reflete sobre o ser e o fazer arte. Para transcender processos de ensino programáticos, quebrar paradigmas é uma alternativa, pela vivência da estesia, potente para reverter a habitual anestesia escolar, ao mesmo tempo podendo dela se utilizar para o estudo dos sentidos, na arte e na vida. Assim, o fazer do educador semioticista contemporâneo tem como plataforma conceitual o sensível para apreender a arte no seu contexto intersubjetivo, e deste modo, vivenciar com os estudantes sua inserção no mundo de um modo interacional, desvelando a arte em práticas distintas das formatações prescritivas da tradição pedagógica. O dever-fazer programado e regulador, dessemantizado em práticas rotineiras é transformado por sujeitos mobilizados pelo querer e poder fazer da arte e de seu ensino oportunidades de apreensão que permita a compreensão do papel da arte na escola e na vida. Necessário é romper com “sistemas disciplinares e verticais”, com a negociação presente em todas as instâncias, para que o programado e as regularidades possibilitem que o sentidos não previstos possam aparecer e os acidentes se ajustem agregando-se ao meio que lhes possibilitou ocorrer, sem serem rejeitados ou extirpados por proporem o diverso, o não usual, o inesperado, o acidente. Vinculado a temática do evento este Simpósio propõe o debate a partir das pesquisas EM/SOBRE ensino de arte realizadas em espaços educacionais diversos, das escolas formais aos espaços expositivos institucionalizados ou não, bem como nos cursos de formação de professores e na pós-graduação.

Palavras-chaves: Ensino da Arte; práticas e cartografias; relatos e modos de fazer arte.

SIMPÓSIO 03 - CURADORIAS ARTÍSTICAS. MEDIAÇÃO E O ACESSO À CULTURA: PRÁTICAS E CONFRONTAÇÕES EDUCATIVAS.

Organizadores: Fabiane Pianowski (FURG), Marcos Rizolli (Mackenzie), Sylvia Helena Furegatti (UNICAMP).

De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE (2015) apenas 27% das cidades brasileiras tinham Museus e 37% possuíam algum tipo de Centro Cultural – enquanto que 94,5% das cidades já contemplavam algum Órgão Administrativo para tratar da Cultura. Em pesquisa mais recente, realizada pela Fecomércio-RJ (2017), indicava que apenas 11% da população brasileira teria o costume de frequentar exposições de arte. Esses dados configuram um perverso hiato entre estrutura administrativa, já instalada, e o limitado acesso à cultura – cenário que contraria todas as vozes que, desde sempre em nossa história, apelam para o investimento governamental nos setores de Criação e Produção Cultural. Os dados demonstram a necessidade de geração de políticas públicas que bem possam demandar ações de acesso e de formação de público para as diversas atividades culturais no país. As ações curatoriais e educativas em exposições de arte têm demonstrado contribuir na formação cultural e vem se intensificando ao longo dos anos, tanto nas visitas guiadas quanto na produção de material paradidático. Neste sentido, seria importante conhecer os diferentes modos curatoriais – das gêneses propositivas às consequentes expografias – para identificar seus vínculos com os fazeres da ação educativa nas exposições de arte a fim de, não apenas mapear estas práticas, mas principalmente entender como se dão os processos de concepção, elaboração e execução dessas ações, em especial no que diz respeito à construção em conjunto e o agenciamento colaborativo entre artista, curador e educador. Portanto, este simpósio temático tem como objetivo mapear e promover a discussão e o intercâmbio de experiências e proposições no campo das ações curatoriais e educativas de exposições de arte. No entanto, se devemos sempre considerar a população beneficiária da cultura, uma outra questão emerge desta proposta: quem são os educadores das exposições de arte? Neste ponto é interessante pensar na formação destes educadores e o quanto a questão do estudo das exposições de arte, a partir da tríade ARTISTA (obra de arte) - CURADOR (meta-crítica) - MEDIADOR (educação), pode contribuir na formação de licenciandos e bacharelados em Artes Visuais. E, mais: refletir, para dimensionar, o quanto o estabelecimento – por parte da comunidade de pesquisadores, arte educadores e mediadores – de boas práticas e insistentes confrontações também podem agir como gatilhos indutores à intensificação de políticas públicas centradas na cultura.

SIMPÓSIO 04 - OBJETOS DO MAL: OLHARES OFENDIDOS E PERTURBAÇÕES NA HISTÓRIA DA ARTE

Organizadores: Marize Malta (UFRJ), José Afonso Medeiros Souza (UFPA) e Paulo Gomes (UFRGS)

Tomando como premissa que a arte não é um dado e que sua crítica e história são ideologicamente construídas, as revisões historiográficas permitem vislumbrar os conceitos e os preconceitos que fundamentaram os juízos da boa e má arte ou do que nem de arte poderia ser chamado, permitindo perceber suas práticas de conformação. Existem muitos objetos (de arte?) que, sejam por materiais, formas, poéticas, usos, habitats ou procedimentos envolvidos, promovem inquietações, repulsas e atrações, ofendendo olhares bem formados e perturbando as premissas da história da arte, do “bom” gosto e dos valores vigentes em dado recorte temporal. Geralmente, são coisas enfeitadas pelas narrativas canônicas, ausentes dos livros disciplinares, interditados em museus (de arte?). Podem ser peças decorativas, objetos etnográficos, artefatos banais, artigos repulsivos, itens imorais, elementos naturais, dentre outros tantos, que longe de uma passividade contemplativa e de atitudes de resignação, retiram-nos do lugar comum, demandam olhares de decifração, implicam recepções multissensoriais e trazem interrogações provocativas. A proposta deste simpósio é trazer à tona as rejeições e as ocultações da história da arte, de modo a instigar outras histórias a partir de estudos de objetos que demandem posturas de confrontação, forcem ações transdisciplinares, respeitem diversidade e diferenças, e de cuja intensa proximidade permita outros modos de pensar arte.

SIMPÓSIO 05 - HISTÓRIAS DA ARTE, DESCOLONIZAÇÃO INTELECTUAL E MARGINALIDADES

Organizadores: Carlos Henrique Romeu Cabral (IFPE), Madalena de Fatima Zaccara Pekala (UFPE) e Cristiana Santiago Tejo

A História da Arte tem buscado repensar-se a partir de questões propostas por conceitos e teorias que emergiram nas últimas décadas. Pressupostos eurocêntricos que alicerçavam este campo de conhecimento passaram a ser reconsiderados e saberes e assuntos vistos até então como irrelevantes e subalternos têm se incorporado gradualmente nos escopos de investigação. A produção do conhecimento histórico da arte tem origem e está marcada pela colonialidade eurocêntrica, branca e androcêntrica cujo valor universal ainda é pouco questionado pelos pensadores deste campo. Nesse contexto, o pensamento dominante reduz a leitura das realidades artísticas a uma visão unicista, reducionista, atrelada a determinados lugares, culturas, línguas, gênero e sexualidades aceitos pela doxa. Os saberes próprios da história de uma produção artística considerada marginal em questões de geografia e humanidades têm potencial epistemológico e, se revelados, podem ocasionar a expansão das suas fronteiras e permitir a libertação das correntes que amarram a busca do conhecimento a saberes sempre traduzidos, contados, repetidos, possibilitando o processo de descolonização intelectual. A multiplicação exponencial de bienais pelo mundo inteiro, a construção de redes e plataformas de artistas, críticos, curadores, historiadores da arte e arte-educadores e a reorganização geopolítica das coleções de arte de instituições hegemônicas como Tate Modern, MoMA e Guggenheim evidenciam a tentativa de dissolução dos cânones eurocêntricos dentro do sistema das artes e abrem as portas para possíveis construções e elucidações de novos saberes. A ampliação das possibilidades de transitar entre domínios científicos e a liberdade em pensar de forma não linear, aproximam o historiador da arte de questões que anteriormente poderiam ser consideradas sem relevo ou pertencentes a outros territórios de conhecimento contribuindo assim, mais e mais, para uma gradual descolonização do pensamento e da ação. Este simpósio acolherá artigos de pesquisadores que identifiquem em seus trabalhos relações entre a investigação dos fenômenos artísticos e contextos anti/não-hegemônicos, além de análises de novas metodologias historiográficas. Propomos levantar assuntos e questões emergentes na convergência das Ciências Humanas e das Artes Visuais, inseridos em zonas de tensão, exclusão, isolamento, fluxo, transformação e instabilidade.

SIMPÓSIO 06 - ARTE, DESIGN E TECNOLOGIA: TRANSVERSALIDADES

Organizadores: Gilberto Prado (UAM, USP), Monica Tavares (USP) e Suzete Venturelli (UnB)

Ao trazer a ideia de que o design se firma como o local em que a arte e a tecnologia (juntamente com seus respectivos modos de pensar – científicos e especulativos) se reúnem como iguais (Flusser, 2007), a proposta deste Simpósio é investigar se e como as experimentações artísticas e de design mediadas pelas tecnologias digitais vêm se contaminando e diluindo de certo modo as fronteiras entre essas duas áreas. A discussão proposta não visa delimitar se este ou aquele objeto é considerado arte ou design, mas sim, intenta trazer ao centro do debate o produto em si mesmo, e, por conseguinte, os agentes envolvidos nos seus processos de produção, distribuição e consumo, que sustentam as redes institucionais e inerentes ao contexto contemporâneo. A proposta busca priorizar diferentes abordagens com base nas especificidades do produto gerado – sua aparência, suas funções, seus usos –, o que implica necessariamente diálogo com o imaginário midiático contemporâneo e suas implicações poéticas, estéticas, históricas e socioculturais.

Palavras-chave: arte e design digitais; processos de produção, distribuição e consumo; redes institucionais; poética; estética.

Referências

FLUSSER, Vilém. About the word design. In: COLES, Alex (ed). Design and art. 1ed. London; Cambridge: Whitechapel Ventures Limited; MIT Press, 2007. p. 55-57.

SIMPÓSIO 07 - A PRODUÇÃO DA IMAGEM COMO VETOR DA EXPERIÊNCIA

Organizadores: Tatiana Sampaio Ferraz (UFU), Luciano Vinhosa Simão (UFF) e Beatriz Reuscher (UFU)

Este simpósio reunirá estudos acerca da imagem implicando a ideia de ação, de corpo e de experiência, tanto do ponto de vista daquele que a percebe quanto daquele que a produz. Neste sentido, aquém e para além da ação, acolheremos reflexões que tomam a imagem como suporte e vetor da ideia e da experiência. Serão consideradas as particularidades da fotografia e do vídeo como constructo de narrativas, de ficções e de outras elaborações conceituais híbridas que escapem à noção de documentos e de meros registros factuais e que contribuam com o debate sobre o estatuto mesmo da imagem. Acolheremos trabalhos que abarquem o exame e a crítica desta produção e cujas propostas artísticas incluam também as relações entre a arte, o corpo, a política e a vida em meio urbano. Com efeito, entram em jogo aqui as práticas que consideram a experiência do corpo na e com a cidade contemporânea tendo em vista a produção de imagens.

SIMPÓSIO 08 - ESCRITOS DE ARTISTAS, GRAFIAS DA ARTE

Organizadoras: Teresinha Barachini (UFRGS), Patrícia Dias Franca-Huchet (UFMG) e Marina Andrade Camara Dayrell (UFRGS)

Propõe-se o debate acerca dos escritos de artistas, desde o percurso histórico até sua legitimação enquanto arte, de suas potências estéticas e de seu caráter interdisciplinar. Os escritos são compreendidos tanto como processo criativo, quanto como elementos para recepção crítica e teórica das obras, ou ainda como elementos artísticos sem relação servil com seus próprios desdobramentos. Serão também aceitos trabalhos que versem sobre a costura entre palavra e imagem – tri ou bidimensional –, levando em conta as relações intermédias, interartes ou intersemióticas, empenhados em delinear o estatuto da imagem em sentido amplo e da escrita em seus diversos entrelaçamentos nas produções artísticas. Como lembra Glória Ferreira, os textos redigidos por artistas desempenhavam, antes, um claro aspecto funcional, já que se propunham a divulgar e explicar ao público os objetos artísticos e os projetos estéticos através, por exemplo, dos manifestos, tornando aquilo que seria da ordem do sensível algo logicamente compreensível através da sintaxe do texto. Os textos produzidos por artistas não foram inicialmente bem aceitos e tal recusa em legitimar-se o estatuto de arte aos escritos de artista teria sido fruto da associação desta produção à noção de simples memória, confissão ou especulação sem valor, em completo débito com os objetos artísticos, e sem enquadramento em alguma disciplina específica. Malgrado a não aceitação, o texto foi um recurso do qual os artistas sempre lançaram mão, especialmente a partir dos collages cubistas e das inscrições ou firmas deixadas por Marcel Duchamp em suas intervenções em pinturas e, sobretudo, em suas notas Inframince. A produção de textos artísticos se intensifica a partir da Conceptual Arte e sobretudo com pós-minimalismo valeu-se amplamente deste recurso no intuito de diluir (ou empobrecer, para dizermos com a Arte Povera) as distâncias entre teoria e prática. A partir do momento em que a relação imagem-palavra ou plasticidade-texto se recostura e o caráter artístico dos escritos passa a ser reconhecido, extraem-se as consequências desta produção cuja importância é, em alguns casos, incalculável, como atesta o escultor italiano Giuseppe Penone, por exemplo, cuja produção plástica é, segundo ele, impensável sem seus escritos. Ainda que tardiamente “autorizados” a falar sobre e com a própria obra, os artistas postulam uma possibilidade ao passar pela palavra para manterem as coisas o mais em aberto possível.

SIMPÓSIO 09 - PRÁTICAS E CONFRONTAÇÕES NA AMÉRICA LATINA: DEBATE SOBRE FORMA ARTÍSTICA E FORMA SOCIAL

Organizadores: Marcelo Mari (UnB) e Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS)

A questão da forma esteve no cerne dos grandes momentos de disputas culturais no Continente Americano durante todo o século XX. A forma artística ganhou dimensões políticas muito específicas, no mesmo momento em que se confrontaram tanto modelos predominantes como outros menos influentes no cenário do Continente. O certo é que nas disputas de modelos que eram políticos e sócio-culturais, três momentos podem ser evidenciados na produção

dos novos rumos artísticos na América Latina, a saber: a Política da Boa Vizinhança, a Aliança para o Progresso e a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). São três momentos em que os próprios conceitos de arte latino-americana e brasileira foram postos em questão. Nesses momentos esteve em jogo a crise e a produção de novos modelos na arte latino-americana, que ora se aproximavam dos modelos hegemônicos, ora se distanciavam deles. Pretende-se com isso investigar como a arte brasileira e latino-americana ofereceram impasses ou operaram respostas para as batalhas discursivas do século XX.

SIMPÓSIO 10 - PRÁTICAS ARTÍSTICAS AUTOBIOGRÁFICAS NAS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS: MODOS DE AUTORREPRESENTAÇÃO, ESTRATÉGIAS DE RUPTURA E LUGARES DE ENUNCIÇÃO

Organizadoras: Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (UFG), Cláudia Maria França da Silva (UFES) e Ana Reis Nascimento (UFG)

Este simpósio tem como objetivo reunir pesquisas em arte que se articulam de alguma forma com o campo da autobiografia. Consideramos a noção de “ato autobiográfico” apresentada por Smith e Watson (2010), autoras que compreendem que a autobiografia é um campo de produção de agenciamento, histórias, localização e dinâmicas de troca e comunicação. Neste simpósio estamos interessadas em discutir e aprofundar a reflexão sobre a relevância da autobiografia para as poéticas contemporâneas que procuram configurar modos de autorrepresentação, estratégias de ruptura e lugares de enunciação. Silvia Cusicanqui (2015) destaca a urgência de ações contra o “colonialismo interno” que afeta nossas subjetividades e nossas formas de ser e estar no mundo e pergunta: “¿Por qué no podemos admitir que tenemos una permanente lucha en nuestra subjetividad entre lo indio y lo europeo?” A autora acredita que é por meio dos processos de autoconhecimento que envolvem a emoção, ou seja, “el hemisferio izquierdo subalternizado por nuestro entrenamiento racional”, que podemos de fato nos lançar aos processos de descolonização e “reconectar con los ríos profundos de la vitalidad anticolonial.” Glória Anzaldúa (2012), por sua vez, afirma que viver na fronteira - das identidades, sexualidades, gêneros, línguas, crenças, geografias - provoca um constante estado de inquietação que, ao mesmo tempo em que pode oprimir, pode também fornecer elementos potentes para a criação de sentidos mais profundos para a existência. Ao refletir sobre os seus próprios processos de escrita, Anzaldúa reflete: “Quando escrevo parece que estou esculpindo osso. Parece que estou criando minha própria face, meu próprio coração. Minha alma se faz através do ato criador”. As experiências de vida são também do interesse de bell hooks (2013), que vê a teoria elaborada desde a “margem” como um instrumento de cura e libertação. Ainda, segundo Diana Klinger, a autobiografia pode se aproximar da ficção quando não tem compromisso com a narração da verdade, criando assim uma autoficção como performance do autor que cria e recria suas experiências para romper com a noção coesa e universalizante de sujeito estruturada pelos discursos hegemônicos. Convidamos artistas pesquisadoras e pesquisadores para compartilhar investigações e experimentações que se fundamentam no campo da autobiografia e buscam criar modos de autorrepresentação, estratégias de ruptura e lugares de enunciação por meio de suas práticas artísticas.

SIMPÓSIO 11 - MEMÓRIAS DE PROFESSORES/AS DE ARTE: CARTOGRAFIAS DOS SABERES INVISIBILIZADOS

Organizadores: Robson Xavier da Costa (UFPB), Maria Betânia e Silva (UFPE) e Lêda Maria de Barros Guimarães (UFG)

Busca reunir, socializar e discutir pesquisas, no campo das Artes Visuais, resultantes de investigações que envolvam memórias de formação, de criação, de práticas docentes e que se debruçam sobre os múltiplos saberes que constituem as identidades desses profissionais e as suas “táticas de resistências”, “essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (DE CERTEAU, 1998, p. 41). Pretende-se evidenciar os processos reflexivos das experiências e práticas vivenciadas por artistas/educadores/as, ao longo do tempo, sobre o saber fazer docente e as estratégias elaboradas por estes profissionais nos desafios cotidianos do ensino, da pesquisa, da extensão, da criação artística na docência,



refletindo sobre as experiências ativas e dinâmicas, os processos de interação entre os seres humanos e o meio, que Dewey (2010) intitulou como experiência. Nessa direção, estão envolvidos os estudos, no campo das Artes Visuais, que contemplam: as trajetórias históricas de docentes; as linearidades e sinuosidades da formação; os processos metodológicos utilizados, (re)criados e (re)inventados nas práticas docentes; as (re)invenções de formas de avaliação; as(inter)conexões com diferentes áreas de conhecimento na constituição dos saberes invisibilizados da docência em Artes Visuais.

Referências

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.
DEWEY, John. *Arte como experiência*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo SP: Martins Fontes, 2010.